

(Re)existência das infâncias: questões entre currículo, concepções e práticas pedagógicas

Ana Paula Azevedo Furtado 

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Francisca Paloma de Almeida Vital 

Prefeitura Municipal de Fortaleza, Fortaleza, CE, Brasil

1

Resumo

O presente artigo propõe apresentar reflexões acerca de diferentes concepções presentes no fazer pedagógico cotidiano com bebês e crianças bem pequenas. Longe de desejar trazer respostas prontas, objetiva o oposto a isso, deixar inquietações que ajudem a cada educadora e educador a questionar as suas próprias concepções e ação docente. Para isso, este estudo, que possui abordagem qualitativa, e se desenvolve metodologicamente, a partir de revisão bibliográfica, tomando como base duas diferentes pesquisas desenvolvidas pelas autoras em diferentes tempos e contextos de Educação Infantil (FURTADO, 2016; FURTADO e VITAL, 2019), relacionando-as com outros estudos também instituídos com foco nessa etapa. Nas referidas pesquisas foram encontradas evidências de formas de desenvolver o fazer pedagógico cotidiano e, foram encontrados indicativos de forte influência da concepção de criança, de modo consciente ou inconsciente. Assim, nos propomos a somar aos discursos em defesa da necessidade de manter em constante processo de debate e atualização as concepções que, de forma direta ou indireta, fundamentam as práticas pedagógicas cotidianas vivenciadas, superando o discurso de que tais reflexões já encontram-se consolidadas não se fazendo mais necessárias.

Palavras-chave: Educação Infantil. Concepções. Práticas pedagógicas.

(Re)existence of childhood: issues between curriculum, conceptions and pedagogical practices

Abstract

This article proposes to present reflections about different conceptions present in the daily pedagogical practice with babies and very young children. Far from wanting to bring ready-made answers, the objective is the opposite, to leave concerns that help each educator to question their own conceptions and teaching action. For this, this study, which has a qualitative approach, and is developed methodologically, based on a bibliographic review, based on two different studies developed by the authors at different times and contexts of Early Childhood Education (FURTADO, 2016; FURTADO and VITAL, 2019), relating them to other studies also instituted focusing on this stage. In these researches, evidence of ways to develop the daily pedagogical practice was found, and indications of a strong influence of the child's conception, consciously or unconsciously, were found. Thus, we propose to add to the discourses in defense of the need to maintain in a constant process of debate and updating the conceptions that, directly or indirectly, underlie the daily pedagogical practices experienced, overcoming

the discourse that such reflections are already consolidated. no longer needed.

Keywords: Early Childhood Education. Conceptions. Pedagogical practices

1 Introdução

“As crianças inauguram o mundo com seu olhar, sua presença irrequieta, pensando sobre porque o céu é azul, ou como os pensamentos surgem na cabeça” (BARBIERI, 2019).

2

A epígrafe que inicia este artigo, escrita pela pesquisadora e artista, Stela Barbieri (2019), ao apresentar o livro “Buscar indícios, construir sentidos” (MONTES, 2020), ressalta a perspectiva inaugural que reside nas crianças. A compreensão desse estado inaugural traz uma nova ideia acerca das infâncias, crianças, sociedade, a humanidade e, conseqüentemente, de educação.

Partindo dessa premissa, o presente artigo propõe tecer reflexões acerca de diferentes concepções presentes no fazer pedagógico cotidiano com bebês e crianças bem pequenas. Não há intenções de trazer respostas prontas, objetiva o oposto a isso, deixar inquietações e encorajar que outras perguntas sejam feitas, de modo que contribuam para que cada educadora e educador possa questionar as suas próprias concepções e ação docente, e assim, ser mais um contributo para a transformação do *ethos* educativo em curso nas instituições de educação.

No intuito de contribuir para o desenvolvimento de um hábito questionador, optamos por nos pautar nas formulações de Moss, de que “a educação deve evoluir através de perguntas políticas e deliberações a partir dessas” (MOSS, P. Palestra Youtube, 2020). Também em Freire e Formosinho para mobilizar a prática de uma Pedagogia da pergunta. Nos moldes apresentados por Paulo Freire (1985, p. 24) “um dos pontos de partida para a formação de um educador ou de uma educadora, numa perspectiva libertadora, democrática, - seria essa coisa aparentemente tão simples: O que é perguntar?”, compreensão corroborada por João Formosinho ao afirmar, recentemente, “a Pedagogia começa na interrogação”.

As perguntas são ferramentas valiosas para os adultos, e também para as crianças, posto que ajudam a identificar ambos como protagonistas em suas

próprias experiências, além de contribuir na construção de uma memória coletiva e individual.

Desse modo, iniciamos indagando: Como construir uma escola que seja habitada por profissionais que reconhecem e respeitam a potência das crianças?

Neste artigo partimos da hipótese de que as concepções dos profissionais representam um importante fio condutor nessa construção. Propomos uma reflexão acerca da importância de questionar constantemente essas concepções, no sentido de conscientizar sobre a incompletude, complexidade e constante processo de devir da ação docente. Para isso, ter suporte numa pedagogia da pergunta pode ser uma boa estratégia para manter vivo o desejo de ir sempre além.

3

2 Metodologia

O artigo possui caráter qualitativo, visto que segundo Minayo (2011, p. 21) “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares”. E, de acordo com Bogdan e Biklen, um estudo qualitativo busca (1994, p. 70): “[...] melhor compreender o comportamento e experiência humanos”. Em vista disso, em nossa interpretação, as concepções presentes nas práticas analisadas são vistas como um fenômeno particular e relevante, fato que chama nossa atenção e justifica o interesse em pesquisar as influências dessas concepções, a partir das ações e relações dos próprios sujeitos.

É sob essa ótica que este trabalho se desenvolve. As especificidades e complexidades existentes nas concepções e constituições das discussões em torno da pedagogia para a infância legitimam, portanto, nossa escolha.

Para isso, faremos uma revisão bibliográfica acerca de estudos com foco nos temas currículo e Educação Infantil. Ademais tomamos como aportes principais duas investigações realizadas anteriormente pelas autoras (FURTADO, 2016; FURTADO E VITAL, 2019), no sentido, de buscar perceber, nas ações analisadas, como as concepções contribuem para definir as escolhas. Por fim, tecemos relações entre essas pesquisas, destacando as reflexões e questões sobre as concepções e as potências das infâncias e para melhor abordar a relação teoria e prática.

Na pesquisa bibliográfica, buscamos principalmente, nos estudos de Barbosa (2016), para compreender melhor a docência na educação infantil; em Malaguzzi as defesas da potencialidade das crianças; e em Oliveira-Formosinho (2018), a qual discorre sobre o currículo.

3 Reconstrução teórica acerca da Pedagogia com bebês e crianças

4

Os debates em torno dos modos de se perceber as crianças, como sujeitos de direitos e detentores de agência, potência e opiniões sobre seus desejos, interesses e saberes é relativamente novo. Mesmo considerando as importantes contribuições decorrentes do longo percurso histórico pelo qual as ciências sociais, e mais recente, a sociologia das infâncias, com os estudos acerca das culturas próprias das crianças, ainda é real afirmar que tais percepções não encontram-se consolidadas na nossa sociedade.

Mesmo com entraves, às concepções mais atuais vêm sendo construídas nas últimas décadas através de vários estudos que passaram a ter a criança como sujeito de pesquisa. No entanto, “as crianças terem voz, se expressarem e serem escutadas é um direito ainda a ser conquistado e assimilado pelos diversos atores sociais. Considerar que elas são detentoras de direitos permeia muitos discursos e documentos, mas as iniciativas ainda são poucas e tímidas” (FRIEDMANN, 2020, p. 38).

É possível inferir que, mesmo no campo da Pedagogia, ainda há dificuldades de compreensão sobre a participação dos bebês nas instituições de Educação Infantil, como constataram Gobbato e Barbosa (2017, p. 32) “Os bebês e as crianças bem pequenas ainda não são reconhecidas, de forma concreta, como sujeitos da educação formal (...). Trata-se de uma dupla invisibilidade: macroestrutural, nas políticas públicas e educacionais, e micro, nas pedagogias da Educação Infantil.”

A docência com bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas¹ (aspecto importante a ser considerado na vida moderna desses sujeitos), deve possuir características específicas posto que não se pauta em aulas e em conteúdos, mas seu foco encontrar-se nas relações e em estar com as crianças em vez de controlá-las (BARBOSA, 2016).

5 Ou seja, as professoras e os professores dessa etapa deveriam ser muito bem preparados, dada a complexidade de sua atuação. De acordo com Barbosa (2016), os professores da Educação infantil deveriam discutir, desde sua licenciatura, temas específicos da docência dos 0 aos 6 anos, sobre as culturas infantis, a partir da experiência sobre as infâncias e sobre essa etapa.

A atuação do docente das infâncias ainda é vista como “peculiar”, como aponta Barbosa (2016), que constata que as características da profissão de docente de bebês e crianças ainda se encontram em formulação. Nessa construção de identidade, deve considerar o caráter reflexivo e de ação, o qual intenciona modificar a relação com o conhecimento, para acrescer valor aos gestos, aos usos dos materiais e do tempo, à organização dos processos sociais, ao uso dos registros, ou seja, o reconhecimento dos saberes produzidos nos contextos de vivências.

A criança, sujeito da ação nessa etapa da educação, é um ser cheio de possibilidades. O educador italiano Loris Malaguzzi considerava que não seria possível chegar a um conceito adequado de educação sem limpar a mente do preconceito de que a criança é um indivíduo que precisa ser preenchida de saberes. Nas palavras do autor: “A imaturidade da criança não é impotência, mas, sim, possibilidade e potencialidade de crescer”. (HOYUELOS, 2021, p. 96).

Dessa forma, defendeu energicamente, um respeito ético sobre essa criança, propondo uma imagem de criança capaz, ativa para acionar os recursos genéticos que possui, sobre o ambiente, através de experiências, interferências e interconexões em trocas contínuas com o ambiente (HOYUELOS, 2021).

¹ O documento Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para a reflexão sobre as orientações curriculares (2009), organizado por Maria Carmem Barbosa, apresenta a seguinte definição: **bebês** como crianças de 0 a 18 meses; **crianças bem pequenas** como crianças entre 19 meses e 3 anos e 11 meses; **crianças pequenas** como crianças entre 4 anos e 6 anos e 11 meses e reservamos a denominação de **crianças maiores** para as crianças entre 7 e 12 anos incompletos.

No contexto em que se busca naturalizar as concepções descritas anteriormente, discutir as formas que as crianças aprendem, nos contextos institucionais, torna-se válido para a desconstrução de práticas reducionistas e escolarizantes e a apropriação de cotidianos que sejam adequados à esse ideário de crianças. Dessa forma, pensar sobre como estamos acolhendo essas crianças e organizando os cotidianos nos quais as mesmas estarão vivenciando, nos leva a rever nosso jeito de pensar e fazer educação, o que nos leva a repensar nossa ideia de currículo para esta etapa.

4. Desconstruir a ideia de currículo “pronto a vestir de tamanho único”

O currículo “pronto a vestir de tamanho único” é uma metáfora apresentada por João Formosinho (2007), o qual questiona e aponta os riscos da uniformidade curricular, organizada em sequências pré-estabelecidas, as quais desconsideram as aprendizagens dos grupos, não percebendo que cada criança é um ser individual, ou seja, baseia-se em pressupostos e práticas de uma pedagogia transmissiva.

O referido currículo uniforme baseia-se em “ensinar o mesmo a todos, ao mesmo tempo e do mesmo modo, nos mesmos tempos e nos mesmos espaços, (...). Para isso, preconiza-se a uniformidade das normas, dos espaços e dos tempos, dos saberes e das práticas.” (FORMOSINHO, 2018, p.21).

Em contraponto a essa ideia, surge a compreensão de que o currículo não é um lugar de chegada, mas construído a partir de cada experiência vivenciada pelos que compõem os ambientes escolares, portanto, diversos. Essa compreensão exige um novo agir como professora, uma nova docência, elaboração de ideias a partir das relações estabelecidas no cotidiano, percebendo sua subjetividade docente e as subjetividades de cada aprendente, para a tessitura de um currículo inédito, o qual esteja adequado aos bebês e suas múltiplas necessidades, curiosidades e desejos de agir e descobrir o mundo.

Em torno dessas questões desenvolve-se o olhar atento aos processos de aprendizagem dos bebês e das crianças que devem ser alicerçados em torno do reconhecimento e da valorização do protagonismo das meninas e dos meninos. O

protagonismo nasce a partir de uma “nova imagem” de criança tão intimamente ligada à pedagogia que rompe com a ideia de transmissão e busca participação. Tal pedagogia reconhece as crianças como pessoas competentes e curiosas, engajadas na criação de experiências, na construção de suas identidades e de seus próprios conhecimentos.

7 Entretanto, reconhecer e valorizar o potencial das crianças, assim como estar aberto a escutá-las, não é uma ação tão simplista. A criança que se expressa de forma ativa e construtiva, aflora no educador um certo receio com relação ao imprevisível, que é reforçado previamente pelo suposto conforto de saber sempre o que fazer e para qual finalidade. Desse modo, reconhecer que as crianças carregam consigo a novidade, o olhar curioso, a invenção, a inquietude, o maravilhamento e o desejo pela descoberta requer uma transformação no papel do docente em direção a organização de contextos que lhes possibilitem explorar, participar, brincar, experimentar, criar rompendo com aqueles velhos fetiches de um currículo antecipatório, preparatório e predefinido.

A complexidade presente no entendimento de que, na educação das infâncias, a organização do currículo envolve os saberes das crianças, os quais deverão ser articulados com os conhecimentos presentes na humanidade e desenvolvidos através de práticas cotidianas, a partir dos eixos estruturantes, interações e brincadeiras (BRASIL, 2009), não é mais uma novidade, contudo, ainda precisa ser melhor compreendida e consolidada.

Desse modo:

[...] quando currículo e concepções docentes estão em consonância, é possível afirmar que as oportunidades oferecidas às crianças são mais respeitadas em relação às experiências das crianças, pois compreende que a educação nasce com a experiência de mundo, a qual é considerada numa escuta atenta e sensível (FURTADO; VITAL, 2021).

Essa “nova ideia” de currículo que corresponde à “nova imagem” de criança requer que os adultos desloquem a atenção sobre o que as crianças já sabem fazer para como as crianças constroem as suas experiências e conhecimentos.

Diante do exposto, outros questionamentos vão surgindo à medida em que dialogamos com os autores no curso da escrita: Quais interações emergem dessa nova compreensão? Quais as dificuldades encontradas pelas professoras e professores para reinventar novas práticas pedagógicas a partir dessas compreensões?

5. Práticas pedagógicas: por um currículo possível

Considerando “a práxis como o lócus da Pedagogia” (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007), ponderamos a importância de tecer reflexões que partam de práticas vivenciadas. Assim, com o desejo de contribuir para que docentes busquem sair de uma lógica da atividade para uma lógica da experiência, traremos alguns exemplos encontrados em pesquisas anteriores para melhor compreender a relação e a importância do alinhamento entre as concepções e as ações.

Vejamos os exemplos a seguir:

Foto 1 – Recurso lúdico apresentado pela professora Maria.



Fonte: Arquivo de pesquisa (FURTADO, 2016)

Foto 2 – Recurso lúdico apresentado pela professora Maria.



Fonte: Arquivo de pesquisa (FURTADO, 2016)

A professora pesquisada, deu ênfase ao uso de brincadeiras em suas ações, e apresentara alguns instrumentos utilizados em sala com as crianças. O discurso demonstra avanço, posto que é preciso valorizar o lúdico e a brincadeira, mas também pode nos fazer indagar sobre o que a mesma considera como brincadeira ou de que forma utiliza os recursos lúdicos para a manutenção do “ensino” de conceitos ainda vistos como mais importantes - letras, cores, números etc.

Esses questionamentos ocorrem, apesar da validade do esforço da professora em trazer recursos mais atraentes para as crianças, devido ao fato dos esforços serem direcionados a apreensão de conceitos e execução de atividades. É possível ainda refletir acerca da clareza de que o brincar deve ir além de manusear recursos atraentes. O brincar é uma atividade importante em si própria. Configura-se como principal meio de expressão da criança. Momentos nos quais as crianças tenham oportunidades de explorar livremente, organizar o espaço e seus pensamentos, devem ser disponibilizados e compreendidos como sendo de igual ou maior importância que os jogos com objetivos pedagógicos.

Ao que parece, a perspectiva que insiste em prevalecer, é a do ensino, de “dar aulas”. Reiteramos aqui, portanto, a compreensão de que a docência na Educação Infantil não deve ser pautada nesses propósitos. O papel do docente das infâncias não pode se basear em “dar aulas”. O currículo da escola infantil deve ir além das tarefas (por mais atraentes que sejam).

As imagens nos remetem a práticas pouco atraentes. Embora haja o uso de brincadeiras, nos indagamos: qual a concepção presente nesses modos de oportunizar o brincar? Qual a ideia de currículo se sobressai ao utilizarmos ferramentas com foco no ensino de letras, cores e números?

O Parecer do CNE/CEB Nº 20/2009 que revisa as DCNEI (2009) indica que na Educação Infantil as crianças devem ter a oportunidade de vivenciar experiências de interações diferenciadas, que sejam abertas, imprevistas e que sejam abolidos os procedimentos mecânicos. Cabem aqui os questionamentos: será que, de fato, essas explorações estão ocorrendo “de forma livre”? Se as crianças tivessem mesmo a oportunidade de escolher, escolheriam realizar as mesmas atividades diariamente? Convidamos para que os leitores façam outras perguntas que ampliem os seus olhares para a sua própria ação, tentem se reconhecer ou não, nessas ações, e se distanciar de práticas que sejam baseadas na repetição simples.

Sobre esse assunto Santos (2021, p.10), explica que:

Escutar o que a criança tem a nos dizer, sobre o que esperam aprender na escola, dá significado para esses sujeitos que

relacionam o cotidiano com seus desejos e das suas famílias. É importante que a criança seja protagonista também na elaboração do currículo construído no coletivo com as crianças, e não somente, consumidora de um currículo feito para elas

Nessa mesma esfera de argumentação, o exemplo descrito por Furtado e Vital (2019)², no qual evidenciam a preocupação da docente em discutir com as crianças, ouvi-las e considera-las em seu relançamento, traz uma mostra de como é possível efetivar um currículo construído junto com as crianças.

Em congruência com essas ideias, ponderamos que a pedagogia desenvolvida com as crianças necessita de participação real, como bem explica Oliveira-Formosinho (2007, p. 14): “(...) a pedagogia da infância pode reclamar que tem uma herança rica e diversificada de pensar a criança como ser participante, e não como um ser em espera de participação”. Devemos, portanto, nos indagar sobre como podemos efetivar essa participação?

4 Considerações para não finalizar o debate

Os modos como compreendemos as crianças, as infâncias, a Educação Infantil contribui diretamente na organização de uma escola para as infâncias. Em particular, quando refletimos sobre uma pedagogia da infância participativa e democrática, que respeite as crianças em seus ritmos e necessidades, exige-se uma ação de repensar qual o papel do docente no contexto educacional. Um possível caminho a ser trilhado, talvez seja estruturar a organização da lógica da Pedagogia, e romper de vez com o padrão hegemônico, desde séculos atrás, de conteúdos únicos, e passar, finalmente a perceber o “potencial revolucionário da Educação Infantil” (CRUZ, 2013, p.16).

² No referido artigo é relatado o uso do design, do discurso e da documentação pedagógica para auxiliar na escuta das crianças, em relação a curiosidade por sonoridades, e que resulta na efetivação de um projeto que vai sendo negociado na medida que as curiosidades vão tomando dimensões diversas, como conhecer o mar, os animais que vivem no oceano, trilhas por tesouros etc.

Como transpor o vácuo existente entre a lei e o que é vivenciado no chão das escolas? Como transpor a crise de identidade que fica evidente ao questionarmos qual o papel do adulto numa escola de infâncias?

Tomamos emprestado o questionamento proferido por Tiriba (2018, p. 192):

[...] que seres estarão sendo formados em escolas que não ‘escutam’ os desejos infantis, que impedem as crianças de se manterem conectadas com o universo de que são parte; que, portanto, não respeitam as crianças em seus direitos ao desenvolvimento pleno?

11

De acordo com Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) a Pedagogia para a infância sustenta-se em uma práxis que convoca crenças, valores e princípios, analisa práticas e usa saberes e teorias. A pedagogia é, portanto, um espaço do encontro de ações, teorias e crenças.

Consideramos que o ato de questionar as próprias crenças e também suas práticas pode ser ponto de partida para aceitar que a educação, da forma que historicamente esteve presente na vida das crianças brasileiras, precisa ser urgentemente reorganizada. A legislação já oferece um importante respaldo. Transformar o dia a dia traz inúmeros desafios que precisam ser compreendidos, debatidos e superados. Mas precisam ser superados! Ultrapassar o campo dos discursos é urgente. Esse artigo deixa um convite permanente a nos perguntarmos: Como transpor os discursos cotidianamente?

Referências

BARBOSA, Maria C. S. Três notas sobre formação inicial e docência na Educação Infantil. In: ACHE, V. C.; GALLINA, S. F. S. WESCHENFELDER, N. (org.). **Pedagogias das infâncias, crianças e docências na educação infantil**. MEC/SEB, Brasília, 2016.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes** Curriculares Nacionais da Educação Infantil. Parecer 20/09 e Resolução 05/09. Brasília: MEC/SEB, 2009.

CRUZ, Silvia H. V. **As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil**: Uma breve apresentação. In: Novas Diretrizes para a Educação Infantil. Revista Salto para o futuro. Ano XXIII, Boletim 9, Junho de 2013.

FORMOSINHO, João. Prefácio - A Educação em Creche: Os desafios das Pedagogias com nome. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; ARAÚJO, Sara. (Orgs.) **Modelos Pedagógicos para a Educação em Creche**. Porto Editora: Porto, Portugal, 2018.

FORMOSINHO, João. **O currículo uniforme pronto-a-vestir tamanho único**. Mangualde: Edições Pedago, 2007.

12

FREIRE, Paulo; Faundez, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. Editora Panda, 2020.

FURTADO, A. P. A.; VITAL, F. P. A. **Design, Discurso e Documentação Pedagógica: Uma experiência de aprendizagem negociada**. In: VI Seminário Práticas educativas, memórias e oralidades, 2019, Fortaleza. VI Seminário Estadual de práticas educativas, memórias e oralidades. Fortaleza: EdUECE, 2019. v. 1. p. 403-411.

FURTADO, Ana Paula A.; VITAL, Francisca Paloma A. “Meu quintal é maior que o mundo”: reflexões sobre currículo na Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2021.

FURTADO, Ana Paula A. **Avaliação na Educação Infantil: as práticas avaliativas em creches e pré-escolas municipais de Fortaleza na perspectiva das professoras**. Dissertação, UFC, 2016.

GOBBATO, Carolina; BARBOSA, Maria C. A (dupla) invisibilidade dos bebês e das crianças bem pequenas na Educação Infantil: tão perto, tão longe. **Revista Humanidades e Inovação**. V. 4. N.1, 2017.

HOYUELOS, Alfredo. **A ética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. São Paulo: Phorte, 2021.

MONTES, Graciela. **Buscar indícios, construir sentidos**. Solisluna editora, 2020.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. KISHIMOTO, T. M. PINAZZA, M. A. (org.) **Pedagogia(s) da Infância: Dialogando com o passado construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. Perspectiva pedagógica da Associação Criança: Pedagogia-em-Participação. In: KISHIMOTO, T. M. OLIVEIRA-

FORMOSINHO, J.(org.) **Em busca da pedagogia da infância: pertencer e participar.** Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Lilian Santana dos. **O que a escuta das crianças revela sobre os currículos praticados na Educação Infantil?** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2021.

TIRIBA, Lea. **Educação infantil como direito e alegria: Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias.** Editora Paz e Terra, 2018.

ⁱ **Ana Paula Azevedo Furtado**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7288-9337>
Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Pedagoga. Psicopedagoga. Especialista em Docência da Educação Infantil. Mestra em Educação Brasileira.

Contribuição de autoria: Concepção e elaboração do manuscrito; análise dos dados; discussão dos resultados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3399214431648973>.

E-mail: anapafurtado@yahoo.com.br

ⁱⁱ **Francisca Paloma Almeida Vital**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8507-6658>
Prefeitura Municipal de Fortaleza; Mirare - UFC.

Pedagoga. Especialista em Docência na Educação Infantil. Técnica da Célula de Desenvolvimento Curricular – SME/PMF.

Contribuição de autoria: Concepção e elaboração do manuscrito; construção e análise dos dados; discussão dos resultados.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3298515713840309>.

E-mail: franciscapaloma@hotmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

FURTADO, Ana Paula Azevedo; VITAL, Francisca Paloma Almeida. (Re)existência das infâncias: questões entre currículo, concepções e práticas pedagógicas. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.